

RETRATO EM BRANCO E NEGRO

LILIA MORITZ SCHWARCZ

Retrato em branco e negro

*Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no
final do século XIX*

2ª edição



Copyright © Lilia Katri Moritz Schwarcz

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa:

Reproduções fotográficas:

Nellie Solitrenick

Revisão:

Márcia Moura

Angela das Neves

A autora agradece ao Museu da Imagem e do Som e ao Arquivo do *O Estado de S. Paulo* pela cessão das ilustrações do caderno de fotos.

INSERIR FICHA

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Para o Luiz

Sumário

Agradecimentos	9
Introdução: O caso do “creoullo de bigode, pince-nez e cavagnac”	13
O estado da questão	21
PARTE I: A METRÓPOLE DO CAFÉ COM SEUS SÍMBOLOS DE CIVILIZAÇÃO	
O contexto	37
A imprensa paulistana	62
PARTE 2: IMAGENS, PERSONAGENS E REPRESENTAÇÕES:	
O “NEGRO” NOS JORNAIS.	113
O negro nas diferentes seções dos jornais: uma visão sincrônica.	115
Imagens de “negros” em diferentes momentos: uma análise diacrônica.	192
<i>Considerações finais</i>	292

<i>Apêndice</i>	303
<i>Notas</i>	307
<i>Bibliografia</i>	321
<i>Índice remissivo</i>	000

Agradecimentos

*Não fosse isso
e era menos
não fosse tanto
e era quase*
Paulo Leminski

Com o risco de quem sabe não conseguir tocar a todos que de alguma forma ajudaram na realização deste livro, aí vai:

A Antonio Augusto Arantes, orientador e amigo, obrigada pelas inúmeras leituras críticas e atentas e pelo incentivo para que este trabalho se concretizasse.

Ao Departamento de Antropologia da Unicamp e em especial a Mariza Correa, Carlos Brandão, Peter Fry, Bella F. Bianco, agradeço por todo o apoio, pelas críticas e sugestões.

Agradeço ainda ao professor Fernando Novaes, assim como a Carlos Vogt, pelas leituras criteriosas e opiniões.

Um abraço especialmente carinhoso para Heloisa Pontes e para a “velha turma do Panorama Azul”: Cláudio Novaes, Júlio Simões e as “sócias-honorárias” Marina Cardoso e Maria Gregori (Bibia), que sem dúvida, através das inúmeras idas e vindas no “monótono” trajeto que liga São Paulo a Campinas, ou das sempre críticas (e não menos divertidas) reuniões de estudo, contribuíram demais para que esta fosse uma tese escrita a várias mãos.

Obrigada também a Nádia Farage e a Vanessa Lea, que acompanharam com carinho as dificuldades típicas de toda fase final de um livro.

Muito obrigada ainda aos funcionários do Arquivo do Estado de São Paulo, do Arquivo do jornal *O Estado de S. Paulo* e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, que me ajudaram a procurar e a encontrar, em boa parte, jornais, revistas e livros de difícil acesso.

Foi também básico o apoio oferecido pela Capes durante os anos em que realizei os cursos da pós-graduação e pela Fapesp, que, através das bolsas de estudos concedidas, fizeram com que esta pesquisa se tornasse viável.

Agradeço ainda a Manuela Carneiro da Cunha e a Robert Slenes pelas excelentes críticas e sugestões que fizeram a este trabalho por ocasião da defesa de tese, que sem dúvida contribuíram muito para esta forma final que a dissertação tomou.

A minha família: Lelé, Beto, Noca, Ju, Sérgio, Vova, Omi, Vovô, Baba e Deda, um grande beijo e obrigada pelo apoio de sempre.

Um beijinho estalado para a Julinha e o Pedroca, que nada têm a ver diretamente com este livro mas que, de qualquer forma, ao mesmo tempo que amassavam papéis e interrompiam o trabalho, ajudaram muito para que fosse possível realizar um texto “bem-humorado”.

Por fim resta o mais difícil. Agradecer ao Luiz, companheiro, amigo e o maior crítico de todos os momentos deste livro. Obrigada pelas infindáveis leituras, pelos desabafos, discussões, pelo cuidado, carinho e por muito mais, já que se isso tudo “não fosse tanto era quase”.

Introdução

O caso do “creoulo de bigode, pince-nez e cavagnac”

Esses gritos medonhos ao nosso redor são o que vocês chamam de silêncio.

O enigma de Kasper Hauser, de Werner Herzog.

Num belo e corriqueiro dia de julho de 1878 um pacato cidadão da não menos pacata cidade que era São Paulo percorre um pequeno trajeto, marcado por ruas escuras e esburacadas, cobertas por casebres pobres e cercados de matagais, a fim de comprar um jornal local. Ao fazê-lo, depara, em meio a tantas outras notícias, anúncios, classificados ou declarações de política, com a chamada: “*Como elles são*”.

Para nós, leitores contemporâneos, o contraste e a estrita delimitação da existência de um “outro”, implícito na manchete acima, sem dúvida chamaria a atenção. Porém, para nosso hipotético personagem do fim do século XIX, ela poderia ou não despertar interesse, já que talvez seu sentido lhe fosse bastante familiar e sua decodificação clara.

“COMO ELLES SÃO

O folhetinista da Gazeta narra na viagem a Maceió e entre outros narrou um caso ocorrido a bordo. O Presidente do PE que estava a bordo trazia consigo um criado bonito, creoullo, de bigode e cavagnacs, pisar forte amante dos versos de Varella cujos hinos sobraçava em POSE e lia com atenção de se fazer notar...

Ao fim do jantar do primeiro dia da viagem um dos passageiros ao voltar ao camarote deu denúncia ao comandante que lhe faltava um relógio, um PINCE-NEZ e uma corrente de ouro. No salão nobre o qual subia os camarotes só tinham ficado duas pessoas, um alquebrado de enjoo e o criado de fazer VIDA LITERÁRIA. Houve pesquisa e epilougou-se pela prisão do LITERATO que obteve aposição de criado presidencial mediante valiosas cartas de recomendação segundo houvi dizer... Para cúmulo da desgraça do gatuno comptamente descoberto ao saltar na Bahia aparece-lhe um espírito: o seu senhor que havia muito tempo o procurava em vão.” (*Correio Paulistano*, 3 de julho de 1878).

A notícia poderia ser lida e interpretada de maneiras absolutamente diversas.

Por um lado, o texto permitiria uma interpretação mais textual, ou digamos pragmática,¹ isto é, o autor estaria nos relatando uma história talvez comum de um escravo que, para tentar livrar-se de sua condição, utilizava artifícios variados, tais como fingir-se “literato” para escapar do cativo. Dessa maneira, o relato poderia comover mais ou menos o leitor, mas de qualquer forma não deixaria de se constituir em mais um dos infindáveis relatos de fuga de escravos, tão frequentes na época.

Por outro lado, uma leitura mais atenta em relação à postura política do jornal poderia fazer notar que a notícia tinha sido por sua vez retirada de um outro periódico (*A Gazeta*) e dizia respeito a um fato ocorrido em outra província. Nesse sentido, então,

quem sabe talvez se atentasse para o fato de que o jornal que havia selecionado e publicado tal artigo, o *Correio Paulistano*, não era absolutamente “isento” e neutro na maneira como mencionava as notícias que publicava. Assim, tal relato poderia ser interpretado tendo como pano de fundo a postura política conservadora que, como veremos, era marca característica desse jornal. Nesse sentido a notícia poderia estar de alguma maneira associada a uma ideia constantemente veiculada por esse periódico, que não se cansava de afirmar a necessária ordem que deveria reinar entre senhores e escravos, e o direito daqueles de conservarem e manterem o controle sobre sua propriedade.

O leitor que levasse ainda mais a fundo essa perspectiva poderia talvez supor que a notícia marcava uma certa diversidade, no que tange à postura política, com relação a um outro grande jornal da época, *A Província de São Paulo*, que, enquanto órgão republicano adepto das “novas ideias da época”, talvez não desse tanta ênfase a uma notícia desse porte e que tivesse acontecido em outra localidade.

Mas, por outro lado, o relato parece trazer ainda outras “pistas” e “sinais” que indicam também outras interpretações que não sejam a verificação de uma “evasão frustrada” ou a mera postura política do jornal.

Esse relato poderia dizer respeito, tanto pelo clima irônico que estabelece como pelo texto em si, a um certo contexto social, ou melhor, a um consenso social anterior e já compartilhado que, ao mesmo tempo que cria o “creoulo de cavagnac, leitor de Varella”, duvida dele. Ou seja, através de uma série de recursos de pontuação, grifos e expressões, o texto encaminha ironicamente a reflexão do leitor contra a aparente verdade que começa a enunciar.

Parece estabelecer então esta notícia um evidente clima de contraposição entre o “creoulo” em si e a sociedade branca que

aparece colocada como uma espécie de “panorama de fundo” no decorrer de todo o texto. A começar pelo título, “Como elles são”, fica claro como o “elles” marca uma oposição a um “nós” implícito no texto, e que por sua vez corresponderia logicamente ao jornalista que redigiu a matéria e aos leitores do jornal na época. Além disso, vai-se criando todo um “clima” de ironia com relação ao “creoulo”, que é dado primeiramente pela forma pouco direta com que esse sujeito da ação é descrito. Ou seja, ao invés de ser nomeado em sua singularidade, o “leitor de Varella” é antes descrito por suas atribuições, que parecem inclusive pouco corresponder às características normalmente associadas a elementos de cor. Assim, a imagem que vamos elaborando mentalmente de um “creoulo de bigode, cavagnac e leitor de Varella” parece tornar-se absolutamente descabida no interior desse universo que vai aos poucos se criando e sendo silenciosamente compartilhado entre “nós”, jornalistas e leitores. Todo esse ambiente que vai, cada vez mais, como que definindo o “creoulo” como o “outro”, o “estranho à ação”, e a ironia subjacente são reforçados também a partir das palavras que o jornalista vai destacando em maiúscula em momentos específicos da leitura. Dessa forma, os vocábulos POSE — destacado quando o jornalista relata que o sujeito “insistia” em ler com tal atitude as obras de Varella (o que poderia irritar os observadores da ação) —, PINCE-NEZ e VIDA LITERÁRIA parecem marcados para orientar a leitura no sentido da compreensão do enorme abismo existente entre tais atitudes e objetos e o “creoulo”. Nesse sentido, parece-nos relevante a insistência do autor em grifar por duas vezes a palavra LITERATO, como se estivesse a ironizar e mostrar a incongruência da situação, oferecendo inclusive sinais para que comecemos a desvendar o possível desfecho da história que parece encaminhar-se para um final já previamente esperado. E então a história termina como todos nós, agora “leitores cúmplices”, esperávamos que acabasse: “o creoulo” (cujo nome até o

final não ficamos sabendo) não era, por suposto, um literato, mas antes um simples e “tão comum” “negro fujão”. O artigo se encerra como normalmente acabavam as demais notícias da época: o senhor, na figura irônica de um “espírito”, recaptura o que lhe era de direito e o “creoulo” retorna a sua antiga e “verdadeira” condição. O “elles” presente no título do artigo adquire então cada vez mais concretude, ao demonstrar o abismo existente entre o “elles” escravos — fujões, obrigatoriamente analfabetos e mantidos à distância da “cultura” branca — e o “nós”, leitores e jornalistas: cidadãos, leitores de Varella e que podemos portar bigode, cavanhaque e pincenê, símbolos de nosso lugar e condição.

Mas não é tudo. O texto aponta ainda para outras “pistas e sinais”. Não se trata de um mero “negro fujão”, mas sobretudo de um “creoulo” que logo se transforma em “suspeito em potencial” e depois, “comprovadamente”, num ladrão e “mau-caráter”, o que, como veremos, é também uma representação comumente associada ao elemento negro, cativo ou liberto.

Como essas, existem ainda outras interpretações e muito mais se poderia dizer, mas o que já foi destacado serve para os objetivos desta introdução. Ou seja, a partir de um só artigo é possível apreender dimensões diversas, diferentes imagens que nos falam sobre a condição e a situação negra nesse momento. Por vezes, uma visão mais fatural, às vezes uma imagem que só ganha coerência no interior de uma ótica que privilegie o embate entre brancos e mesmo uma interpretação que busque captar sinais subentendidos, e que nos apontam para a polaridade e o contraste existente entre brancos, que redigem o jornal ou compartilham a leitura da notícia, e negros, colocados tão longe desses locais onde “se produz e reproduz a cultura” do momento.²

Essa mesma diversidade ganha ainda mais complexidade quando pode ser apreendida não só no interior de um único jornal mas, antes, na comparação de alguns periódicos. Nestes pode-

-se notar que a escolha das notícias não era idêntica (dado esse, como veremos, relevante em si mesmo), embora todos tivessem como uma das questões centrais de suas páginas o problema negro num momento marcado pela eminente abolição da escravidão e por mudanças no regime político.

Reconhecendo assim a importância da imprensa paulista de finais do século como fórum de debates centrais da época, o objetivo deste livro é a recuperação e o entendimento da dinâmica que se estabelece, de construção e manipulação de representações sobre o negro cativo ou liberto, quando se intensificavam as rebeliões negras, no período final do processo abolicionista, e toma volume a própria campanha em prol da abolição.

Neste momento em particular o negro passa a frequentar constantemente as diferentes seções dos grandes jornais da época (aparecendo tanto nas notícias de maior destaque como nos pequenos e abundantes anúncios classificados de aluguel, venda ou captura de escravos). Através desses fragmentos de textos da imprensa, desses “pedaços de significação” — que incluem desde as seções tidas como as “mais nobres” dos jornais (como notícias e editoriais) até as de aparente valor secundário (como os obituários, “ocorrências policiais” e anúncios) —, aqui se busca reconstituir as várias visões com que se falou sobre a condição negra.

Nesse sentido, então, os jornais são aqui entendidos, primeiramente, enquanto “produto social”, isto é, como resultado de um ofício exercido e socialmente reconhecido, constituindo-se como um objeto de expectativas, posições e representações específicas.³

As notícias, os fatos selecionados serão entendidos e recuperados, então, não enquanto situações que “realmente” aconteceram e cuja veracidade iremos comprovar, mas antes enquanto situações plenas de significação, sendo nesse sentido mais relevante apreender como se produziram, difundiram e repercutiram às vezes diversas interpretações de um mesmo fato do que buscar

uma concepção única, onde se operaria uma síntese empobrecedora das diferentes visões.

Sem buscar, portanto, um conceito único, amplo e definidor, a nossa intenção é antes registrar e interpretar a própria diversidade de concepções, reconstituindo não a condição negra em si mas, antes, os modos *como brancos falavam* sobre o negro e o representavam num momento de mudanças e transformação nos atributos que formalmente definiam esses elementos.

Na busca de entender as representações dos brancos desse período sobre os negros, tanto a cidade de São Paulo como seus jornais foram se mostrando essenciais, na medida em que passavam por um momento de grande transformação e redefinição em suas funções e papéis; São Paulo, como veremos, transformava-se, aos poucos, de pequena aldeia desimportante no grande centro nacional do café, para onde convergiam interesses políticos e econômicos que sem dúvida se farão presentes nos discursos e debates da imprensa.

Por outro lado, a seleção do jornal enquanto documento básico se mostrou significativa. Em primeiro lugar por se constituir em fonte histórica bastante completa e complexa, já que nele convergiam posições e opiniões diversas e representativas e devido ao momento histórico recortado. Ou seja, como veremos, esse parece ser um período relevante no que tange também à história do jornal no Brasil. Esses momentos finais do século corresponderiam ao período de formação da grande imprensa nacional, isto é, da transformação de jornais que passavam de “experiências isoladas, aventuras passageiras” a grandes e estáveis empresas constituídas e mantidas através da verba de grupos, sem dúvida envolvidos nesse debate enquanto segmentos da sociedade que se organizavam, veiculando, refletindo e produzindo novas representações.

É fundamental destacar, por fim, que pretendemos entender os diversos enunciados não enquanto meros relatos jornalísticos

que nada mais teriam a dizer além do que já está circunscrito na objetividade da notícia. Buscamos antes a “sobrecarga” de sentido⁴ presente nas inúmeras lacunas deixadas por textos muitas vezes cifrados ou de difícil compreensão ao menos aos olhos do pesquisador e dos leitores contemporâneos, que mal sabem “COMO ELLES SÃO”. Procuramos entender esses relatos não apenas na sua dimensão pragmática, como meras informações onde a linguagem seria a tradução de algum sentido, mas também como “linguagem de silêncio”,⁵ onde a linguagem diz por si mesma, ainda que se renuncie a fazê-lo. Portanto, e tendo como suposto que o “ato de descrever não se limita a simplesmente revelar um conhecimento”,⁶ a nossa postura diante dos jornais será a de apreendê-los não enquanto “expressão verdadeira” de uma época, ou como um veículo imparcial de “transmissão de informações”, mas antes como uma das maneiras como segmentos localizados e relevantes da sociedade produziam, refletiam e representavam percepções e valores da época.⁷

Por fim, um aviso técnico e de orientação: no interior dos diversos textos apresentados, introduzimos palavras em **VERSALETE** quando a intenção de destacar era do próprio jornal ou redator; em contrapartida, grifamos as palavras ou expressões quando o objetivo de ressaltar era nosso.